



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 18/10/2019

GLOBAL	2
OFERTA MUNDIAL DE CARNE TENDRÁ IMPORTANTE DÉFICIT EM 2020	2
BRASIL	2
SUBAS EN LOS VALORES DE LA CARNE Y HACIENDA BOVINA.....	2
CEPEA: VALORES NOMINALES ALCANZARON NIVELES RÉCORD. SUPERARON A FEBRERO DE 2018.....	3
SEQUÍA PONE EN ALERTA EL MERCADO DE CARNES.....	3
MEJORAN LOS PRECIOS DEL GANADO DE INVERNE - CRÍA.....	4
EXPORTACIONES AUMENTARÍAN UN 30% EN OCTUBRE.....	4
AFTOSA: ESTADO DE PARANÁ DEJA DE VACUNAR A PARTIR 31/10/19 – PUBLICAN LA NORMA	4
RUSIA REHABILITÓ UNA PLANTA DE BOVINOS QUE ESTABA CERRADA DESDE 2017	5
VALOR BRUTO DE LA PRODUCCIÓN DE CARNES BOVINAS AUMENTARÍA 3,6% EN 2019	5
ENTIDAD SOLICITA INICIAR UN PANEL CONTRA UE EN LA OMC POR CUOTA DE CARNE SALADA DE POLLO	6
URUGUAY	6
VALORES RÉCORD EN EL MERCADO DE LA HACIENDA GORDA	6
EL NOVILLO MÁS CARO DEL MUNDO	7
NOVILLO TIPO EN SU NIVEL MÁS ALTO DESDE 2014.....	7
PESE A LA ESCALADA DE LA REPOSICIÓN, LA RELACIÓN FLACO/GORDO ESTÁ EN LOS NIVELES MÁS BAJOS DE LOS ÚLTIMOS CUATRO AÑOS	7
REILLY: “EN EUROPA PRIORIZAN CALIDAD Y CONSTANCIA DE LA CARNE URUGUAYA”	8
INAC: PROYECTA QUE EM ASIA SE CONCENTRARÁ EL MAYOR CRECIMIENTO DEL MERCADO MUNDIAL	8
PARAGUAY	10
SENACSA ALIENTA A REVERTIR DECLIVE PRODUCTIVO VACUNO	10
BAJO ÍNDICE DE MARCACIÓN DE TERNEROS	10
UNION EUROPEA	10
BREXIT: JOHNSON ACORDÓ CON LÍDERES EUROPEOS PERO DEBE ENFRENTAR OPOSICIÓN DOMÉSTICA.....	10
ESTADOS UNIDOS	12
LLEGAN A UN ACUERDO CON CHINA	12
<i>Presidente Trump señaló su importancia para los productores de su país.....</i>	13
VARIOS	14
CHINA IMPORTÓ EN SEPTIEMBRE UN 76% MÁS DE CARNE DE CERDO.....	14
AUSTRALIA: COREA APLICARÁ CLÁUSULA GATILLO POR SUPERARSE EL VOLUMEN PREVISTO EN EL ACUERDO BILATERAL	14
NUEVA ZELANDA: PROYECTA AUMENTOS MODESTOS EN LA PRODUCCIÓN Y EXPORTACIONES	15
EMPRESARIAS	15
EMPRESAS AFIRMAN QUE PRONTO LA CARNE ARTIFICIAL LLEGARÁ A SUPERMERCADOS.....	15
MINERVA SUSPENDE ACTIVIDADES EN DOS PLANTAS RADICADAS EN URUGUAY.....	16
SANTANDER RECOMIENDA INVERTIR EN MINERVA	16
TYSON PROHIBIRÁ EL USO DE RACTOPAMINA EN CERDOS A PARTIR DE 2020.....	17
JBS ACCEDIÓ A UN PROGRAMA PARA REDUCIR EMISIONES DE GASES EFECTO INVERNADERO.....	17
CARGILL: PLANTA QUE SUFRIÓ LA EXPLOSIÓN REANUDARÁ ACTIVIDADES LA PRÓXIMA SEMANA.....	18



GLOBAL

Oferta mundial de carne tenderá importante déficit em 2020

15/10/2019

Aumento do consumo e menor produção após a peste suína africana explicam o déficit

A produção mundial de carnes (bovina, suína e de frango) registrará um déficit de 18 milhões de toneladas em 2020, em comparação à oferta esperada para este ano, prevê o experiente analista de mercado Simon Quilty, que assina um extenso artigo sobre o tema publicado nesta terça-feira, 15 de outubro, pelo portal australiano Beef Central.

“Em 30 anos atuando no comércio de carne, nunca vi um déficit global de proteínas (como o esperado para 2020), e não conheço nenhum outro precedente nos últimos 100 anos que rivalize com a situação provocada pela Febre Suína Africana (ASF)”, declara Quilty, referindo-se ao vírus que dizimou o rebanho de porcos na China e também provocou perdas nos plantéis de mais nove países asiáticos.

“Para mim, essas são águas desconhecidas que provavelmente quebrarão muitos recordes (de preços e de fluxo de embarcações, além de mudanças nos padrões consumo)”, estima o analista, que acrescenta: “Nada voltará a ser o mesmo depois de 4 de agosto do ano passado, quando a febre suína apareceu pela primeira vez na China”.

Na semana passada, relembra Quilty, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgou seu relatório de oferta e demanda mundial, descrevendo as suas perspectivas sobre a demanda global de carne bovina, suína e de frango para 2020. Resumidamente, escreve o analista, o USDA está prevendo que a produção global de carne bovina será 1% maior em 2020; a oferta carne suína cairá 10% e a de frango crescerá 4% no próximo ano. Em termos físicos de carne em todas as três proteínas, de acordo com o USDA, isso equivale a um déficit de 6,4 milhões de toneladas em 2020, em comparação com os dados de produção estimados para este ano.

No entanto, o analista se mostra mais pessimista em relação aos números do USDA. “Acredito que as perdas na China provavelmente serão muito maiores do que as estimativas conservadoras do USDA e que um déficit global de proteínas de 18 milhões de toneladas é mais provável”, projeta.

Para o USDA, a produção de carne suína da China vai sofrer redução de 25% no próximo ano. Na avaliação de Quilty, porém, a oferta chinesa registrará um tombo de 54%, “o que significaria um déficit global de proteína três vezes superior à estimativa do USDA, ou seja, equivalente a perdas de 18 milhões de toneladas”, ressalta.

Comércio internacional

O número de estabelecimentos de exportação mundiais aprovados pela China para carne bovina é 285, bem acima da quantidade de fábricas de suínos habitada pelo país asiático atualmente (de 207). “Isso aponta para um desejo genuíno da China de comprar mais carne bovina globalmente”, destaca o analista.

O USDA estima que, em 2020, as importações de carne suína da China aumentarão 35%; as importações de carne bovina subirão 21%; e as de frango terão acréscimo de 20%. “Minhas estimativas são muito mais altas, com a importação de carne de porco crescendo 40%; a de carne bovina tendo acréscimo de 57%; e de frango com elevação de 66%”, estima ele. Ou seja, “minhas estimativas acrescentam para a China mais um milhão de toneladas de importações em 2020”, escreve

O declínio estimado em 4% da disponibilidade total de proteínas na China neste ano registrou um aumento médio nos preços de proteína de 62% no mercado doméstico do gigante asiático, relata Quilty. Em comparação ao mesmo período do ano passado, os preços atuais de suínos no varejo da China subiram 81%; os da carne bovina tiveram alta de 19%; e os valores do frango registraram aumento de 23%.

BRASIL

Subas en los valores de la carne y hacienda bovina

Sexta-feira, 18 de outubro de 2019 - O mercado do boi gordo está com os preços em alta.

Na última quinta-feira (17/10), a cotação do boi gordo subiu em 13 praças, considerando o preço à vista.

Destaque para o Norte de Minas Gerais, cuja cotação valorizou 1,9% na comparação dia a dia.

Nos últimos trinta dias, a cotação subiu em todas as praças pecuárias monitoradas pela Scot Consultoria.

A oferta restrita e a exportação explicam esse cenário. No acumulado das duas primeiras semanas de outubro, o Brasil embarcou uma média diária de 8,2 mil toneladas de carne bovina in natura.

Caso esse ritmo se mantenha até o fim do mês, serão exportadas 188,76 mil toneladas, recorde.

No mercado atacadista o preço subiu. O boi casado de animais castrados está cotado em R\$11,10/kg, alta de 0,5% em relação ao fechamento anterior.



CEPEA: valores nominais alcanzaram niveles récord. Superaron a febrero de 2018

Giro Do Boi 17/10/19 - Por Equipe Beefpoint

A baixa oferta de animais prontos para o abate segue sustentando os valores da arroba do boi gordo e, conseqüentemente, da carne no atacado. Além disso, segundo pesquisadores do Cepea, a demanda internacional pela carne bovina brasileira continua bastante aquecida, principalmente por parte da China. Assim, a média do Indicador do boi gordo ESALQ/B3 na parcial de outubro (até o dia 16), de R\$ 160,94, é a maior da série do Cepea, em termos nominais.

Já em termos reais, trata-se do patamar mais elevado desde fevereiro de 2018. Nessa quarta-feira, 16, o Indicador fechou a R\$ 161,40, ligeira queda de 0,5% no acumulado parcial do mês. Para a carne negociada no atacado, a elevação acumulada na parcial deste mês é de 4,8%, com a carcaça casada do boi negociada, à vista, a R\$ 11,39/kg nessa quarta.

A média mensal da carcaça casada em outubro, de R\$ 11,02/kg, é a maior, em termos nominais, da série do Cepea. Já em termos reais, é a mais elevada desde janeiro de 2018.

17/10/2019 Em termos nominais, Indicador Esalq/B3 atingiu média recorde de R\$ 160,94 no acumulado de outubro

A média do Indicador do boi gordo Esalq/B3 na parcial de outubro (até o dia 16) ficou em R\$ 160,94, atingindo, em termos nominais, o maior patamar da série histórica do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada). Porém, em termos reais (descontado o efeito inflacionário), trata-se do patamar mais elevado desde fevereiro de 2018. Ontem, 16 de outubro, o Indicador fechou a R\$ 161,40, ligeira queda de 0,5% no acumulado parcial do mês.

Conjuntura

A baixa oferta de animais prontos para o abate segue sustentando os valores da arroba do boi gordo e, conseqüentemente, da carne no atacado, segundo informa o Cepea. Além disso, a demanda internacional pela carne bovina brasileira continua bastante aquecida, principalmente por parte da China.

Atacado

Para a carne negociada no atacado, a elevação acumulada na parcial deste mês é de 4,8%, com a carcaça casada do boi negociada, à vista, a R\$ 11,39/kg na quarta-feira, 16 de outubro. A média mensal da carcaça casada em outubro, de R\$ 11,02/kg, é a maior, em termos nominais, da série do Cepea. Já em termos reais, é a mais elevada desde janeiro de 2018.

Preços do boi seguem firmes, sustentados pelas exportações

Nesta semana, o preço do boi gordo permanece firme no mercado físico, com a maioria dos negócios ainda respeitando o intervalo entre R\$ 161/@ e R\$ 163,65/@ em São Paulo, informa a Agrifatto. "Há expectativa que os embarques de carne bovina se mantenham aquecidos nos próximos meses, oferecendo importante suporte às cotações", observa a consultoria.

As escalas de abate avançaram sutilmente no decorrer desta semana. As praças de São Paulo e Goiás, de acordo com a Agrifatto, ainda são as que mostram maior conforto em suas programações, com médias entre 7 e 8 dias úteis, respectivamente. Por sua vez, nos últimos meses, as indústrias dos Estados da região Norte têm a maior dificuldade de compor suas escalas de abate, demonstrando baixa disponibilidade de animais prontos. Na região, as indústrias trabalham com média de 3 a 4 dias úteis, segundo levantamento da consultoria.

Ontem, 16 de outubro, o indicador Esalq/B3/Cepea fechou em R\$ 161,40/@, com ligeira queda de 0,15% no comparativo diário. Na B3, o contrato futuro para com entrega para novembro fechou a R\$ 168,60/@, avanço de R\$ 0,25 em relação ao dia anterior. Já o com vencimento em dezembro foi cotado a R\$ 172,20/@, praticamente estável na comparação diária.

Seqüía pone en alerta el mercado de carnes

16/10/19 - por Equipe BeefPoint A falta de chuva nos últimos meses já reflete na cadeia produtiva da carne, assim como no atraso do plantio da soja em Mato Grosso do Sul. Os representantes da pecuária apontam a falta de chuva como principal motivo para a diminuição da oferta e o aumento dos preços tanto para compra quanto para venda. Conforme dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), em setembro de 2018, a precipitação média acumulada no Estado foi de 3.105 milímetros. No mesmo período deste ano, foi de 634 mm, o que representa uma redução de 390% no volume acumulado.

O presidente da Associação de Matadouros, Frigoríficos e Distribuidores de Carne (Assocarnes-MS), Sérgio Capuci, explica que o período seco já reflete na falta de oferta. "Temos pouca disponibilidade de gado no momento. Apenas os fazendeiros que se prepararam (confinamento e semiconfinamento) têm animais. Em 30 dias, a arroba do boi gordo subiu R\$ 10. Este ano está bem pior do que o ano passado".

Capuci explica ainda que a falta de pastagens atinge toda a cadeia produtiva da carne. Além do aumento no valor para a compra dos animais, os abates diminuem e o repasse para os açougues também sofre aumento de preços. "A gente diminuiu entre 15 e 20% o número de abates neste período. Os preços para repassarmos para os comerciantes já sofreu aumento de cerca de 7% nos últimos 30 dias. O frigorífico



não tem o que fazer, apenas segurar a produção e esperar o aumento da oferta. Acredito que a situação comece a se normalizar em fevereiro de 2020, e ela só não está pior porque muitos produtores estão trabalhando com a suplementação animal”, explica o presidente da Assocarnes.

O empresário Jefferson Douglas Novais, da Casa de Carnes Boi Forte, diz que nos últimos dois anos o efeito da estiagem foi maior. “Estou há 30 anos no setor e nos últimos dois anos, em 2019 especialmente, o efeito da seca no aumento do preço teve um impacto maior. Já subiu uns 30% o valor da arroba para a compra. A gente precisa repassar um pouco do aumento para o consumidor. O que tenho feito é diminuir a nossa margem de lucro para o preço não ficar muito maior. Mas já percebemos a redução nas vendas”.

Segundo o empresário, a tendência é o preço subir ainda mais até o fim do ano. “Mesmo que comece a melhorar a oferta em dezembro, precisamos comprar mais, por conta das festas de fim de ano”, explica.

De acordo com o proprietário da casa de carnes Oriente, Ronald Kanashiro de Alem, o período de estiagem já refletiu em aumento de 14,84% no valor da arroba do boi. “Nos últimos 60 dias, a arroba passou de R\$ 128 para R\$ 147, unicamente pela falta de gado. Ninguém tem carne, acabou a regularidade dos abates nos frigoríficos”.

O gerente técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (Famasul), José Carlos de Pádua Neto, diz que as chuvas de 2019 estão atrasadas e dispersas, e com a diminuição da oferta o preço sobe. “No período de inverno, há uma escassez natural de animais para abate, visto que o Estado tem sua produção pecuária baseada na produção a pasto, que é diretamente dependente das chuvas”.

Como alternativa para os períodos de seca, é possível substituir a pastagem por suplementação. “Por meio de silagem de milho, sorgo, capim ou cana-de-açúcar, é uma solução fundamental para amenizar os efeitos do período seco. O uso de confinamento ou semiconfinamento também é uma alternativa interessante. Vale destacar, ainda, que atualmente tem crescido a adoção da integração lavoura-pecuária em que, após a colheita da segunda safra do milho (junho a julho, exatamente no período de inverno), as áreas podem ser pastejadas, já que a braquiária foi plantada em consórcio com o milho”, explica Pádua Neto.

Mejoran los precios del ganado de inverte - cría

18/10/2019 Criadores têm facilidade para ditar valores e bezerro é negociado acima de R\$ 1.400

De olho nos prognósticos de manutenção dos preços firmes da arroba do boi gordo para 2020, os pecuaristas brasileiros vão às compras no mercado de reposição, elevando os valores do bezerro e demais categorias. A volta das chuvas e, conseqüentemente, a recuperação das pastagens também estimulam os negócios.

Segundo relatos da Informa Economics FNP, nota-se uma forte procura por bezerros de alta qualidade e animais menos erados atualmente, com ajustes positivos de preços sobretudo em Mato Grosso do Sul, São Paulo e em partes da região Norte do país “As vendas de bezerros ocorrem facilmente acima dos referenciais, chegando a existir diversos registros de negociações fechadas até R\$ 1.400 por cabeça”, relata a consultoria.

Em São Paulo, os animais de qualidade com até 12 meses de idade são negociados a R\$ 1.500/cabeça. Na praça de Tocantins, mediante a recuperação das pastagens, a liquidez dos leilões é superior a 90%, informa a consultoria. No Mato Grosso, os criadores chegam a pedir pelo boi magro valores acima de R\$ 1.900/cabeça.

Exportaciones aumentarían un 30% en octubre

Denis Cardoso 15/10/2019 Nos nove primeiros dias úteis de outubro foram exportadas 73,86 mil toneladas

As exportações brasileiras de carne bovina in natura referentes aos nove primeiros dias úteis de outubro contabilizaram um volume total de 73,86 mil toneladas, com receita de US\$ 324,03 milhões, informa a Agrifatto, com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

“Se o ritmo diário se repetir, pode ser exportado um volume próximo a 180 mil toneladas de carne bovina in natura neste mês. Se confirmado, representará alta de 45,5% frente a quantidade embarcada em setembro/19, e avanço de 32,4% na comparação com o mesmo mês em 2018”, relata a consultoria.

AFTOSA: Estado de Paraná deja de vacunar a partir 31/10/19 – Publican la norma

Fonte: Mapa. 15/10/19 - por Equipe BeefPoint A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, assina nesta terça-feira (15), a Instrução Normativa que autoriza a suspensão da vacinação contra a febre aftosa no estado do Paraná a partir de novembro. A solenidade será realizada no Palácio Iguçu, em Curitiba, a partir das 11h.

Com isso, a partir de novembro, o rebanho de 9,2 milhões de bovinos e bubalinos do estado não será mais vacinado contra a febre aftosa.



O Ministério fará o monitoramento do Paraná para avaliar a atuação dos postos de fiscalização nas divisas e, posteriormente, irá reconhecer nacionalmente o estado como área livre da febre aftosa sem vacinação. Essa etapa está dentro do objetivo brasileiro de ampliar gradualmente as áreas sem vacinação contra a doença no país, previsto no plano estratégico 2017-2026 do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA 2017/2026)

Segundo o chefe da Divisão de Febre Aftosa do Ministério, Diego Viali dos Santos, as doses de vacinas contra a febre aftosa estocadas no Paraná serão remanejadas pela iniciativa privada para os estados que ainda irão aplicar o produto. “Sem a vacinação, o produtor paranaense vai economizar cerca de R\$ 20 milhões por ano, valor equivalente a aquisição apenas da vacina, sem incluir os demais custos associados ao manejo dos animais”, diz.

O estado está caminhando para finalizar, até o final do ano, as ações pendentes para se tornar área livre sem vacinação, com a contratação de médicos veterinários e técnicos para atuação na vigilância para a febre aftosa e a construção de um posto de fiscalização agropecuária, na divisa com São Paulo.

Não haverá modificações no trânsito de animais e produtos e subprodutos de origem animal provenientes ou destinados ao Paraná até 31 de dezembro deste ano.

A partir de 2020, será proibido o ingresso de animais vacinados, bovinos e bubalinos, no Estado do Paraná. Posteriormente, quando houver o reconhecimento nacional do estado como livre de febre aftosa sem vacinação, assim como já ocorre em Santa Catarina, as demais regras de trânsito de animais suscetíveis à febre aftosa e seus produtos passará a vigorar conforme legislação vigente.

Por fim, seguindo os trâmites da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em setembro de 2020, o Brasil vai pleitear o reconhecimento internacional do Paraná como área livre de aftosa sem vacinação, que deverá ser oficializado pela OIE, em maio de 2021.

Estadão Conteúdo 17/10/2019 Ministra proíbe a manutenção, comercialização e o uso de vacinas contra a febre aftosa no Estado, a partir do dia 31 de outubro

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, oficializou a suspensão da vacinação contra a febre aftosa no Paraná. Em Instrução Normativa (IN) publicada no Diário Oficial da União (DOU) desta quinta-feira, 17 de outubro, a ministra proíbe a manutenção, comercialização e o uso de vacinas contra a febre aftosa no Estado, a partir do dia 31 de outubro.

Segundo a IN, a vacina poderá ser utilizada como medida sanitária, mediante autorização do Departamento de Saúde Animal e Insumos Pecuários, vinculado à Secretaria de Defesa Agropecuária. Caberá à secretaria editar normas complementares para a restrição e controle do ingresso de animais vacinados contra a febre aftosa no Paraná, para adoção a partir de 1º de janeiro de 2020.

A IN foi assinada pela ministra Tereza Cristina no último dia 15, em solenidade realizada em Curitiba. O Paraná faz parte do Bloco 5 – integrado também por Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso -, dentro do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (Pnefa) e solicitou a antecipação da retirada da vacinação. Pelo cronograma normal do bloco, a suspensão da imunização dos rebanhos deveria ocorrer somente em 2021, mas o Estado já cumpriu as exigências e solicitou a antecipação do status.

RUSIA rehabilita uma planta de bovinos que estava cerrada desde 2017

14/10/19 - por Equipe BeefPoint A planta do frigorífico Cooperfrigu em Gurupi (TO) foi reabilitada pela Rússia para exp bovina ao país, que havia embargado a proteína brasileira em 2017 por alegações de aditivo ractopamina, informou nesta sexta-feira (14) a Associação Brasileira de Frigor (Abrafrigo).

O serviço sanitário russo publicou na quinta-feira (10) em seu site na internet a reabi unidade, que possui capacidade de abate de 820 animais por dia e exporta cerca de 3 produção, segundo a Abrafrigo.

Antes maior importadora do produto brasileiro, a Rússia iniciou a retirada dos embargos em novembro do ano passado, mas até agora contemplou apenas cinco empresas de bovinos. As restrições aplicadas em 2017 também valem para a carne suína.

Fonte: Reuters.

Valor Bruto de de la producción de carnes bovinas aumentaría 3,6% en 2019

Estadão Conteúdo 14/10/2019 Pecuária aquecida deve compensar queda no valor bruto de produção da agricultura

O Valor Bruto da Produção (VBP) deve recuar 0,2% este ano e somar R\$ 609,7 bilhões, segundo estimativa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Como a agricultura terá queda de 4,1% no VBP, somando R\$ 376,8 bilhões, será a pecuária a garantir a estabilidade.

“O VBP do setor deve fechar o ano em R\$ 232,9 bilhões, alta de 7% em relação a 2018. Destaque para a suinocultura, que deve ter crescimento de 22,9%, e da avicultura, com elevação de 14,2%, principalmente pela maior demanda por conta da peste suína na China”, disse a CNA em nota distribuída nesta segunda-feira, 14 de outubro.



Para a carne bovina, a projeção é de crescimento de 3,6% no VBP, enquanto que para o leite a estimativa é de alta de 8,7%. O setor de ovos deve ter queda de 12,7%, reflexo da redução dos alojamentos de poedeiras.

Na agricultura, grãos, café, cana-de-açúcar e soja têm este ano queda de preços e produção. “No caso do algodão e do milho, apesar dos preços menores, a elevação da produção vai garantir, nas duas culturas, altas de 13,1% e 15,8% no VBP, respectivamente”, diz a CNA.

Entidad solicita iniciar un panel contra UE en la OMC por cuota de carne salada de pollo

GIRO DO BOI 14/10/19 - por Equipe BeefPoint A regulamentação das atribuições da Secretária-Executiva da Câmara de Comércio Exterior (Camex), que estava em um limbo jurídico desde o início do ano, animou a indústria exportadora de carne de frango. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) reiterou ao governo o pedido para a abertura de um contencioso contra a União Europeia na Organização Mundial de Comércio (OMC).

Na prática, os exportadores brasileiros questionam o critério sanitário aplicado pela União Europeia para a carne de frango salgada, principal produto exportado pelo Brasil. Segundo a advogada Ana Caetano, do escritório Veirano Advogados, desde 2011 o bloco europeu exige que o frango salgado não tenha qualquer tipo de salmonela, mas sem base científica para tal.

Atualmente, o Brasil conta com uma cota de cerca de 170 mil toneladas para exportar carne de frango salgada à União Europeia. Dentro desse cota, a tarifa de importação é menor, de 15,4%, de acordo com Ana Caetano, que representa a ABPA. A vantagem tarifária faz com que os exportadores brasileiros prefiram exportar frango com sal. Se fossem exportar a carne de frango in natura, teriam de pagar uma tarifa “impeditiva” de € 1.024 por tonelada, conforme a advogada.

O problema é que, para os europeus, o frango salgado não poder ter qualquer um dos mais de 2,5 mil tipos de salmonelas, ao passo que o produto in natura só não é barrado se tiver dois tipos da salmonela (typhimurium e enteritidis), justamente os mais associados à intoxicação alimentar.

A argumentação brasileira é que o frango salgado deveria ter o mesmo critério do frango in natura, já que ambos não são cozidos e, portanto, não podem evitar a bactéria. O processo de cozimento mata as salmonelas. Além disso, acrescentou Ana Caetano, o frango salgado exportado pelo Brasil seria destinado para a indústria de processamento europeia. Assim, seria cozido antes de chegar ao consumidor.

“Se você coloca sal numa metade do peito de frango e não paga a tarifa extra-cota, a União Europeia diz que é um problema de saúde pública. Mas se você pegar o mesmo peito e na outra metade vender sem colocar uma grama de sal e pagar uma tarifa de mais de € 1 mil, não tem saúde pública. Em resumo, é só um protecionismo europeu”, criticou o vice-presidente de mercados da ABPA, Ricardo Santin.

Na avaliação da associação, a abertura de um contencioso contra a União Europeia na OMC se justifica porque o Brasil já esgotou a tentativa de resolver a questão no âmbito do comitê fitossanitário do órgão multilateral. De acordo com a advogada, foram três tentativas de resolver o impasse – sem sucesso.

Para que o contencioso seja instalado, o governo brasileiro ainda precisa concordar com o pleito da ABPA. “A sinalização do Ministério da Agricultura e do Itamaraty é que temos fundamentos técnicos para abrir o assunto. E nós temos grandes chances de ganhar, mas agora depende de uma decisão política, da Camex”, avaliou Santin.

Apesar desse otimismo, ainda não está claro quando o governo brasileiro tomará a decisão sobre o pedido, disse uma fonte graduada do Ministério da Agricultura. Paralelamente ao contencioso, a ministra Tereza Cristina quer conseguir a liberação dos 20 abatedouros de aves que foram proibidos de vender à União Europeia em 2018. As plantas foram vetadas na esteira da terceira fase da Operação Carne Fraca. Para isso que aconteça, porém, os europeus precisam enviar uma missão de técnicos ao Brasil.

URUGUAY

Valores récord en el mercado de la hacienda gorda

17 de octubre de 2019 En lo que va del año el novillo gordo ganó 95 centavos de dólar por kilo. Desde mayo comenzó una escalada de precios sostenida básicamente por una firme demanda, escasez de oferta, respaldado por un mercado internacional demandante, con China como principal propulsor.

Los mejores novillos alcanzan los US\$ 4,25 por kilo en cuarta balanza, la vaca especial US\$ 4,05 y el mercado de reposición sigue firme como una roca.

José Pedro Aicardi, presidente de la ACG y director de Megaagro dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural que “hay escasez de ganado de pastura, y son pocos los especiales y de muy buena terminación. Uno de los factores que incide en los precios es que la composición de la faena ha cambiado –con una mayor participación de vacas- lo que hace que la presión sobre los novillos bien terminados sea muy alta”.



“También los corrales le pusieron un piso a ganados pesados (novillos de 380 a 420 kilos y vaquillonas) que tenían como destino el abasto, hoy compiten con los ganados de corral. Mientras tengamos una demanda firme que supere a la oferta los precios van a seguir firmes”, explicó Aicardi.

En la reposición también hay más demanda que oferta y los ganados que aparecen logran una rápida colocación. El promedio de los terneros subió cuatro centavos la cotización a US\$ 2,60 por kilo en pie en la grilla de ACG, ubicándose un 25% por encima que en igual momento del año pasado (US\$ 2,06). Las terneras promediaron US\$ 2,54 –apenas seis centavos menos que el ternero- y muy por encima de los US\$ 1,79 del mismo momento del año pasado. La vaca de invernada subió dos centavos a US\$ 1,82, con máximos de US\$ 1,90.

En ovinos reina la firmeza en los valores desde fines de abril, con un mercado que semana a semana registra subas impulsado por el mercado chino. En la grilla de la ACG el cordero liviano subió cuatro centavos a US\$ 3,91 y el cordero pesado cuatro centavos a US\$ 3,94. Los borregos subieron tres centavos a US\$ 3,93, los capones siete centavos a US\$ 3,87 y las ovejas subieron ocho centavos a US\$ 3,83.

El novillo más caro del mundo

El novillo gordo en Uruguay supera el valor del novillo en EEUU –históricamente el más caro- y Australia y se despega de las cotizaciones en la región.

La referencia actual supera en 40 centavos la actual cotización del novillo en EEUU y Australia que se ubica en US\$ 3,80 por kilo carcasa.

La brecha es aún mayor si se compara con el novillo gordo en Brasil, que se ubica en US\$ 2,60 por kilo carcasa de acuerdo al Índice Esalq elaborado por el Centro de Estudios Avanzados en Economía Aplicada, de la Universidad de San Pablo. Un valor similar al que registra Paraguay, entorno a US\$ 2,65.

El máximo diferencial de precio por kilo se registra frente a la cotización en Argentina con un novillo gordo con destino a exportación que se ubica en US\$ 2,23 por kilo de acuerdo a al último dato de IPCVA, casi dos dólares por debajo que el novillo en Uruguay.

Novillo Tipo en su nivel más alto desde 2014

17 de octubre de 2019

El Índice de Novillo Tipo del INAC subió 3,2% en setiembre hasta US\$ 1.273 por cabeza, el mayor nivel desde diciembre de 2014.

El valor de setiembre fue 12% superior a los US\$ 1.132 de igual mes el año pasado.

“El incremento en el valor del novillo tipo se explica por un aumento en el valor de los cortes de exportación y de la canal al mercado interno, compensado parcialmente por una reducción del valor de las menudencias y los subproductos, todos ellos expresados en dólares americanos. El precio del cuero fresco se mantuvo estable”, detalló INAC en el reporte.

Desde abril se registra una tendencia alcista prácticamente ininterrumpida del valor del Novillo Tipo. Desde entonces hasta setiembre ganó US\$ 207.

El valor de la hacienda fue de US\$ 1.083, 1% arriba del mes anterior y el más alto de la serie (enero de 2007). Entre abril y setiembre ganó US\$ 214, un ascenso de 24%.

El valor agregado industrial mostró una recuperación mensual de 18% y fue el más alto de los últimos tres meses, con US\$ 190 por cabeza. Aún así, se ubica 14% abajo del valor agregado industrial de hace un año atrás y dentro de los valores más bajos de la serie.

Pese a la escalada de la reposición, la relación flaco/gordo está en los niveles más bajos de los últimos cuatro años

17 de octubre de 2019 El increíble avance del precio del novillo gordo en los últimos cinco meses, copiado por la reposición pero con incrementos menos marcados, determinó que la relación flaco/gordo (cociente entre el precio del ternero y el de novillo gordo) se ubicara en ese tiempo en mínimos desde mediados de 2015, apuntando la ecuación a favor de la invernada.

Mirando hacia atrás, en 2016 el precio de la reposición en relación con el del gordo alcanzó picos históricos de 1,45 y se mantuvo en valores relativamente altos aunque con una tendencia a la baja durante el 2017, 2018 y lo que va de 2019. En los que va del 2019 la relación de reposición promedió 1,15, apenas por debajo de la relación de 1,18 del mismo período del 2018 y de 1,30 del 2017.

La razón de la caída no es una baja en el precio del ternero. Por el contrario, esta categoría mantuvo durante todo el 2018 la firmeza impulsada por la exportación en pie. Y en lo que va del 2019, con una exportación en pie tímida que no puede pagar los valores del mercado pero una industria demandante que impulsa la reposición, el ternero cotiza en el eje de los US\$ 2,30 por kilo en pie, 20 centavos más que en el mismo momento del 2018.



La diferencia está en el precio del novillo gordo que en lo que va del año promedió en cuarta balanza US\$ 3,72 por kilo, 42 centavos por encima que el valor del mismo momento del año pasado. En pie, logró los US\$ 2, 20 centavos más que los US\$ 1, 80 de momento del año pasado.

La última grilla de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) marcó un precio promedio de US\$ 2,26 por kilo para el novillo especial en pie –el mayor desde que se tienen registros-, mientras el promedio para ternero estuvo en US\$ 2,60 por kilo. Como consecuencia, el índice flaco/gordo entre estas dos categorías fue de 1,15.

Reilly: “En Europa priorizan calidad y constancia de la carne uruguaya”

11/10/2019 - “La constancia, la seriedad y el cumplimiento” posicionan a Uruguay en Europa, pese a la alta competitividad de Argentina en precios.

Argentina se encuentra en una situación de precios más competitiva que Uruguay, pero algunos importadores europeos priorizan la calidad de la carne uruguaya, además de otros aspectos que permiten una estabilidad en la demanda del producto nacional.

“Argentina está ingresando a Europa con precios más competitivos, y uno recoge de esta feria que el viejo continente está más tranquilo para Uruguay por este motivo”, contó a Rurales El País Ricardo Reilly, representante de la Asociación Rural del Uruguay en la junta del Instituto Nacional de Carnes.

Reilly analizó los valores en los que compiten Uruguay y Argentina: “Es importante recalcar que Uruguay mantiene el precio de la cuota Hilton arriba de Argentina, y esto se debe que, a pesar de que Argentina está más competitiva en los valores, hay importadores que priorizan la calidad de la carne uruguaya y algunos aspectos como la constancia, la seriedad y el cumplimiento”.

Consultado por la situación actual del mercado internacional de la carne, Reilly hizo especial referencia a la gran demanda del grande asiático. “China es un mercado pujante desde hace años y con tendencia al crecimiento en el consumo de carnes, si a esto le sumamos la peste porcina se genera la explosión que ha habido”, culminó el representante de ARU en la junta de INAC.

Precios del ganado.

Reilly manifestó que prefiere “hablar de tendencias y no de precios”, y agregó que “estamos frente a un proceso histórico y estructural basado en la demanda de China, y esto es como que a un motor de alta potencia le agreguemos un turbo”.

Y sumó: “Para no centrarnos en un número, podemos decir que debemos esperar, de acuerdo a la relación histórica de valores, tener un precio de equilibrio alto para la hacienda gorda en los próximos años”.

INAC: proyecta que em ASIA se concentrará el mayor crecimiento del mercado mundial

Giro do Boi 18/10/19 - por Equipe BeefPoint O gerente de marketing do Instituto Nacional de Carnes do Uruguai (INAC), Lautaro Pérez Rocha, disse que a liderança do mercado chinês entre os destinos das carnes uruguaias “chegou para ficar por décadas”.

Qual sua visão após uma nova participação do INAC na Feira de Anuga, em Colônia, Alemanha?

O saldo é positivo, estamos muito satisfeitos. Esta feira é a mais importante entre os alimentos, que completou 100 anos e o Uruguai com representação de carnes desde 1981. Como qualquer feira, existem dois objetivos principais: proporcionar a melhor funcionalidade comercial possível aos exportadores e apresentar uma identidade sólida de nossa marca de carne e do Uruguai. Além disso, trabalhamos no relacionamento, seja com diferentes organizações, algumas semelhantes ao INAC, com empresas e com o setor público. Outro aspecto relevante é o ajuste da situação global no comércio que permite. É uma feira com a presença de todos os compradores e exportadores do mundo, em diversos produtos. Em resumo, Anuga é uma feira inescapável, intensa por sinal e chave para qualquer exportador e importador de alimentos.

Como você vê o mercado europeu e o que acontece na Alemanha?

O mercado na Europa está indo em uma direção oposta ao que percebemos que acontece no resto do mundo. Normalmente, nesta fase do ano, o consumo e as importações aumentam, com a chegada do inverno e as férias de final de ano. Isso não aconteceu e, na Alemanha, não é porque o bolso do consumidor esteja ressentido, ele passa pelas preocupações que surgiram com as informações que circularam na mídia relacionadas à sustentabilidade e, em particular, com o foco no que isso aconteceu na América do Sul. Isso está restringindo o consumo de produtos à base de carne em vários países da Europa.

Como exemplo, na Inglaterra, a Universidade de Cambridge retirou todos os menus que incluíam carne vermelha. Muitos formadores de opinião estão nessa linha. A Alemanha não escapa e a demanda retraída está agora com uma oferta maior de carnes da América do Sul, principalmente da Argentina e do Brasil, com preços em queda, o que também leva os importadores a recuar um pouco. E a oferta de proteínas alternativas à carne está aumentando, de produtos vegetais a insetos, porque supre algumas demandas.



Tudo isso estabelece uma situação difícil para as empresas uruguaias, nos leva a redobrar esforços e pensar estratégias para defender a posição comercial e de marca.

E o que foi observado sobre o que acontece no resto do mundo?

A situação é totalmente contrária. É muito impressionante, devemos ter em mente que estamos enfrentando mudanças sem precedentes na produção e no comércio de proteínas, que, como nunca será impactante. O epicentro da mudança ocorre no fornecimento de proteínas, mais especificamente carne suína, na China, mas o impacto é em escala global. Na China, há uma tendência de aumento sustentado a taxas muito altas no momento na importação de carne bovina. Foi dado por uma política governamental de 2010, favorecendo a importação direta, minimizando os chamados canais cinzentos, contrabando. Essa tendência ganhou sua maior magnitude e intensidade devido ao surto da peste suína africana, com uma produção interna totalmente dizimada. Isso gerará uma falta de pelo menos 23 milhões de toneladas de carne suína entre este ano e o próximo ano. E isso não é maneira de compensar.

Estamos em um momento único para o comércio de proteínas, nunca houve uma quebra tão grande na produção e no fornecimento, dessa magnitude. O resultado é um redirecionamento repentino e rápido dos circuitos comerciais, a uma velocidade fenomenal que nos leva a repensar como produzir. Mais da metade das importações de carne bovina ocorre na Ásia, enquanto a Europa responde por 4%. A peste suína é temporária e dramática. Mas que a Ásia precisa de comida, precisa ser importada e tudo estruturado para facilitar e aumentar seu comércio é uma tendência consolidada. A Europa é o oposto. É por isso que também vemos que os países asiáticos e o Japão, a Coreia, a China e os do Sudeste Asiático estão diminuindo suas tarifas e proteção de importação. É um sinal forte, é um convite para produzir mais e melhor. A oportunidade é enorme.

Por muitos anos, a Ásia será o novo centro comercial de exportação de carne do Uruguai e que está aqui para ficar por décadas. Lembre-se de que a China já é o principal importador de carne bovina do mundo, este ano será superior a US \$ 7.000 milhões. Por outro lado, é necessário analisar que o Nafta, em particular os Estados Unidos, que é outro grande produtor, exportador e importador de carne bovina, também cresce há quatro anos com o aumento do consumo per capita e continuará a aumentar.

O que acontece é que os níveis de produção também são altos e, portanto, mantém suas necessidades de importação estáveis. O que acontece na Ásia e Nafta é o oposto do que ocorre na Europa, onde há um declínio no consumo e não há necessidade de importações maiores do que o que tem hoje. A Europa precisa apenas importar pequenas quantidades e carnes de alta qualidade, não está interessada em importar mais. Precisamos mudar radicalmente nosso sistema e nossa maneira de pensar sobre as exportações de gado e carne. No mundo, mais e mais carne é consumida e a cada ano mais é vendida.

Tudo isso é facilmente percebido nas exportações do Uruguai.

Sim, as exportações para a China crescem 31% em volume até agora este ano, para a Europa caem 17% e nafta caem 3%, caindo acentuadamente em Israel e no Mercosul. Há um redirecionamento de vendas para a Ásia, principalmente para a China. Espero que tenhamos mais exportações para a China em 2020 e menos para a Europa e os Estados Unidos.

Como esse panorama global afetou a posição do Uruguai?

O atendimento das pessoas no estande foi menor do que em outros anos, houve muita presença de compradores chineses, obviamente, mas a atividade foi mais direcionada aos estandes da Argentina e do Brasil, porque eles têm volume de produto a oferecer e preços competitivos.

No Uruguai, estamos com a oferta restrita, o abate caindo e, além disso, se olharmos para a composição, vemos que a participação dos novilhos está diminuindo. E isso será acentuado pelo menos em 2020. Depende de quanto a engorda de gado é acelerada. Isso não é menos: para posicionar qualquer marca, o volume também é importante, pois gera uma presença nos mercados, em especial o volume de carne de qualidade. Para satisfazer os consumidores da Alemanha, Japão ou China, é necessário ter o melhor, em quantidade e com continuidade. Por outro lado, a oferta inelástica do Uruguai acrescenta uma situação sem precedentes: os preços do gado na região estão 40% ou mais abaixo do que no Uruguai. Esse fato apresenta enormes desafios aos exportadores e, obviamente, se reflete na atividade comercial.

O que aconteceu com as degustações de carnes uruguaias?

Houve quatro provas no estande nos quatro dias, também no restaurante Rheinterrassen para boa parte dos clientes dos exportadores e houve uma promoção em Colônia, com sinalização em 23 pontos. A Alemanha é um dos três países em que o INAC investe em campanhas, com ações de construção e promoção de marca, com objetivos de médio e longo prazo. Na Alemanha, fazemos isso com a rede de restaurantes Block House, em uma aliança que vem crescendo muito, com a qual também estamos promovendo carne uruguaia nos supermercados Edeka. A recepção ao produto do Uruguai é muito boa.

Devemos ter em mente que a origem Uruguai é desconhecida pelos consumidores e, em parte, isso se deve ao volume. Uma das razões para o reconhecimento da Argentina é que historicamente exportou para a Alemanha 15 ou 20 vezes mais. Isso mudou na última década, estamos chegando a uma proporção de quase quatro para um, aumentamos o volume de exportação de carne resfriada de qualidade e isso se refletiu em um melhor posicionamento da marca de carne uruguaia, continuidade das



compras e preços de paridade ou melhor que a Argentina. De qualquer forma, a aposta é a longo prazo e a chave é manter um investimento crescente, focado e mais agressivo na construção da marca.

PARAGUAY

Senacsa alienta a revertir declive productivo vacuno

18 de octubre de 2019 - 01:00

La caída de faena de bovinos en 9,7% este año y el menor precio del ganado plantean varios desafíos con miras a revertir la situación, dijo José Carlos Martín, del Senacsa. El precio del novillo sigue bajo, en US\$ 2,65 por kilo.

La producción de carne bovina sigue en declive. Al cierre de 2018, el faenamiento cayó 8% contra el 2017 y este 2019 disminuirá en cerca del 9,7% con respecto al periodo pasado, si se mantiene la tendencia registrada al cierre de setiembre, explicó ayer a ABC el titular de Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín.

Los datos oficiales indican que hasta el cierre del mes pasado, se faenaron 1.312.116 animales, contra 1.440.480 del mismo periodo del año pasado.

Martín señaló que la faena es actualmente del 41% de hembras y 59% machos, con un peso promedio general de carcaza de 243 kilogramos, mejor que la media de 235 kg de 2018.

Explicó que se está trabajando en varios frentes. Con los ministerios de Agricultura, de Industria y Comercio y la Cancillería, para coordinar acciones con el sector privado en cada uno de los ámbitos, con el objetivo de equilibrar y revertir la retracción del sector ganadero. Se apunta a mejorar la eficiencia productiva y lograr mejores precios de los envíos, entre otros aspectos.

Señaló que la actual disminución de la actividad frigorífica tiene varias causas, tales como el incendio de una de las industrias importantes y la pérdida del mercado ruso de otro frigorífico de gran capacidad de exportación.

En otro orden, resaltó la disminución del hato ganadero, que ocurrió desde el año 2015 hasta el 2018; de unas 14.005.302 cabezas bajó a 13.555.228, aunque en el corriente año repuntó levemente a 13.817.391 ejemplares. Opinó que el auge de las exportaciones de la carne entre 2015 y 2018 significó “pan para hoy y hambre para mañana”, porque el faenamiento no era sostenible en relación a la producción. “Estábamos comiéndonos la cola”, expresó. Añadió que el 49,8% de los terneros nacidos logran pasar la etapa inicial del proceso de producción (no mueren).

En relación a las exportaciones de carne bovina, informó que desde del 1 de enero de este año hasta el 30 de setiembre, la caída fue del 10,8% en volumen, contra el mismo periodo del 2018; mientras que en valor, la reducción fue del 14,3%.

Eso demuestra una depreciación promedio de nuestra carne en un 3,9%, dijo. Sobre las causas, acotó que el siniestrado Frigo Chorti exportó 14,5 millones de kilos menos que en 2018, que representan US\$ 65,3 millones menos. A su vez, Frigorífico Concepción envió 13,9 millones menos de kg, con US\$ 57,2 millones menos.

Bajo índice de marcación de terneros

“Se habla mucho de abrir nuevos mercados de la carne, de China continental, Estados Unidos y otros destinos deseados, se menciona aumentar cupos en destinos premium, etc., pero tenemos que considerar la cadena ganadera como un todo. Estamos sufriendo una disminución de las exportaciones en volumen, y también hemos pasado por una constante caída del hato ganadero, desde el 2015 hasta 2018”, comentó el presidente del Senacsa, Dr. José Carlos Martín.

“Se faenaba más de lo que se producía, porque tenemos todavía una producción muy baja de terneros, que debe mejorarse. Hay unos 5,5 millones de vientres”, pero marcamos solo 2.250.000 terneros por año, informó.

UNION EUROPEA

BREXIT: Johnson acordó con líderes europeos pero debe enfrentar oposición doméstica

Brussels, Today, 17/10/19

Will British prime minister Boris Johnson will arrive with a fully-backed Brexit deal to Brussels? (Photo: consilium.europa.eu)

A last-minute revised Brexit agreement, clinched by negotiators late on Wednesday night, appeared to be in tatters only hours before EU leaders were expected to discuss it in Brussels at their summit on Thursday (17 October).



The deal, and the EU-27 leaders' discussion on it later in the day, was put in doubt as British prime minister Boris Johnson seemed to have failed to secure the backing of his Northern Irish allies, the Democratic Unionist Party (DUP).

On Thursday morning DUP issued a statement saying it could not support the agreement from the night before.

"We will continue to work with the government to try and get a sensible deal that works for Northern Ireland and protects the economic and constitutional integrity of the United Kingdom," they said.

The DUP also refused to back the agreement reached with the EU by the previous UK prime minister, Theresa May.

EU-27 leaders were planning to examine the revised document, which sees changes to the so-called backstop: a mechanism to secure an open border on the island of Ireland, a key reason why the British parliament earlier voted against the deal three times.

If there was a deal, the EU-27 could give their political backing to the deal on Thursday.

But a "formal yes" could only come later, as the withdrawal agreement still needs to be approved by the European parliament. The British parliament will also vote on the divorce deal, possibly in an emergency sitting on Saturday.

An extension of a couple of weeks to the Brexit deadline of 31 October seems almost inevitable, even in case of a deal, for the ratification and legal clarifications to take place, EU diplomats said on Wednesday.

"I cannot imagine leaders tomorrow being able to say more [than] 'This doesn't look bad, let's continue to work with UK to finalise the details'," said one senior EU diplomat.

The revised backstop means that a regulatory and customs border would be drawn in the Irish Sea, but that Northern Ireland would legally remain in the UK customs territory - allowing Johnson to claim that the entire UK left the EU.

Complex details

Northern Ireland, however, would follow EU rules on tariffs and quotas with the exemption of personal goods between Northern Ireland and Great Britain, and a list of goods agreed jointly by the EU and the UK, that cannot be transported further to the EU, would be also exempt.

Another key stumbling block was the Northern Ireland assembly's say in the continuation of the backstop.

It would be set up in a way that four years after the end of the transition period at the end of 2020, the assembly at Stormont would be able to give its consent by simple majority, weakening the DUP's grasp of the process.

The vote would be repeated in four years - or eight years, if Northern Ireland's parties went for a sixty percent threshold in voting for the continuation of the backstop, but failed. And if the assembly could not sit, which is the case currently, the backstop would continue.

The UK has also agreed to sign up to the EU's "level-playing field" provisions in the future trade agreement, promising not to abandon EU standards.

Also: Turkey, budget, enlargement

While on Brexit the EU-27 is united, leaders will have to discuss difficult challenges that see deep divisions among member states on Thursday.

Turkey will be a focal point, along with its military offensive against US-allied Kurdish forces, as the EU agreed earlier this week to limit arms exports to Turkey.

EU leaders will also talk about their concerns over foreign Islamic State militants returning to Europe, as many of them excited from prisons as a result of the Turkish offensive.

Differences over opening the door to North Macedonia and Albania for EU accession talks also divide member states as France is determined to keep both countries waiting, while others are only concerned about Albania's possible membership talks.

The debate will centre around on the EU's functioning with more members and its geopolitical place amid rising threats from Russia and China.

Another hot topic will be the EU's long-term budget, which EU leaders will talk about in detail for the first time at this summit.

Leaders will be discussing the overall figure for the budget, with net payers wanting to stick to one percent of the bloc's gross national income, while others are arguing for the need for investment.

The rule of law conditionality, linking EU funds to the respect of the rules, and the EU's own revenue streams will also be on the agenda.

Leaders will also try to find agreement on climate targets ahead of the UN summit in December, but a detailed policy discussion can only be expected at the December summit of EU heads.

EU leaders back Brexit deal as Johnson faces Westminster

Brussels, 17. Oct, 21:48

Leaders of the EU-27 member states on Thursday (17 October) evening unanimously endorsed the revised Brexit deal agreed earlier in the day by EU and UK negotiators.



"The European Council endorsed this deal and it looks like we are very close to the final stretch," EU council president Donald Tusk told reporters.

The move means the onus is now on British prime minister Boris Johnson to secure the backing of the UK parliament on Saturday for the revised divorce deal.

The draft deal also needs to be ratified by the European parliament, and its president David Sassoli said on Thursday they are "ready" to examine the text and "adopt the necessary procedure so that the time limits are respected".

The UK is to leave the bloc on 31 October, but the deal provides for a transition period until the end of 2020, which can be extended for up to two years.

Johnson spoke to fellow leaders during Thursday afternoon about the deal only agreed a few hours previously, and answered a handful questions on internal political mood in the UK, an EU official said.

Johnson then left the room, and the 27 leaders continued discussing Brexit for a little over an hour, before adopting the text endorsing the deal.

Hours earlier EU and UK negotiations clinched the deal, which replaces the backstop, after marathon talks. That controversial arrangement was aimed at avoiding a hard border on the island of Ireland which could undermine the 1998 Good Friday Agreement ending decades of conflict there.

EU council president Donald Tusk said the key change in the new deal is Johnson's "acceptance to have customs checks at the points of entry into Northern Ireland".

Under the new draft, Northern Ireland remains part of the UK's customs territory, but tariffs will apply on goods crossing from mainland Britain to Northern Ireland if they are headed to Ireland and into the EU's single market. Northern Ireland will also retain some EU rules on goods.

The continuation of that new system would be conditional on the consent of the Northern Ireland assembly after four years from its start.

The EU and the UK also agreed to now pursue an "ambitious free trade agreement" without quotas or tariffs.

The Northern Irish Democratic Unionist Party (DUP) immediately said they will not support the deal, as they fear it will drive a wedge between the Northern Ireland and the rest of the UK.

Opposition Labour MPs have also criticised the agreement for not securing close enough ties with the EU, and fearing it would weaken social and environmental standards - making the approval difficult for Johnson in the House of Commons, where he has no majority.

"This is our chance in the UK as democrats to get Brexit done, and come out on 31 October," Johnson told reporters in Brussels.

Leaders have kept quiet for now on the possibility of any further Brexit extension in case the deal does not go through Westminster.

Previously EU officials said leaders could agree to a longer Brexit deal if there is a political reason, such as an election for instance.

'Sadness'

The bulk of the EU-UK deal was agreed almost a year ago, which was then rejected three times by the British parliament, mainly over the backstop.

Over the last months, frustration has been growing among EU countries with the British political crisis that stalled the UK's orderly withdrawal from the EU.

On Thursday, EU leaders expressed their disappointment over Brexit.

"I feel sadness today. Because in my heart, I will always be a Remainer. And I hope that if our British friends decide to return one day, our door will always be open, Tusk said.

"All in all, I am happy, and relieved that we reached a deal, but I am sad because Brexit is happening," Juncker told reporters.

"I would like to say today to the 48 percent that they were right," he quipped, referring to the share of British voters voting to remain in the EU in 2016.

After the meeting, Irish prime minister Leo Varadkar praised the strength of EU unity that supported Ireland's instance on keeping the border on the island of Ireland open.

"The unity we have seen is a lesson for us for the future, how Europe can achieve its objectives if we are united, that can be something we take forward into future negotiations, not just with the UK, but also with the US, China, or Turkey," Varadkar said.

"Small states are protected and respected [in the EU]," he added.

ESTADOS UNIDOS

Llegan a un acuerdo con CHINA

14 October 2019 The shine fades on US-China trade agreement as grain trading turns mixed, writes Jim Wyckoff, market analyst.



US grain futures prices narrowly mixed overnight. Corn was down 1 to 2 cents, soybeans up around 1 1/2 cents and wheat 1 to 2 cents up.

After having the weekend to ponder the matter traders and investors now reckon the agreement is fraught with potholes that are likely derail it. There are now reports China wants more talks before even signing the Phase 1 agreement. "The devil is in the details," as the saying goes.

Also, the optimism expressed late last week regarding a UK-EU agreement on Brexit has also dimmed.

There was more dour economic news coming out of China to start the trading week. China's exports to the US dropped 22% in September, year-on-year. China's total exports fell 3.2% in the month. China's total imports in September were down 8.5%.

The weekly USDA crop progress report Monday afternoon is expected to show US corn harvest at 23% complete versus 15% complete last week and 38% last year. US soybean harvest is seen at 25% complete versus 5% last week and 38% last year at this time.

Bulls have firm near-term technical advantage as price uptrend in place. Price action likely to remain sideways-higher in near term

A winter storm that hit the US plains and northern Midwest over the weekend, along with freezing temperatures over much of the Corn Belt, will further hamper the US corn and soybean harvest, which is already behind schedule.

Recent price action in corn, wheat and soybeans suggests harvest lows are in place and that prices can trend sideways-to-higher into the end of the year.

Presidente Trump señaló su importancia para los productores de su país

16 October 2019 US - Working with the National Association of Farm Broadcasting (NAFB), officials from the White House shared remarks from President Donald Trump to US farmers, ranchers, and the agricultural community amid the harvest season.

"Hello. This is President Trump speaking to you from the Oval Office at the White House. At this very busy time of the year for our nation's farmers, I want to wish you all a safe and bountiful harvest and thank you for the hard work you do every single day of your life to feed clothe and fuel America. You're outstanding people. You're our finest. From my first day in office, we have never stopped fighting for American farmers, ranchers, and growers. We're reversing decades of failed trade policies to give you the level playing field that you deserve. Only days ago I signed a new trade agreement with Japan that slashes barriers for the export of American agriculture. We have negotiated with the European Union to increase exports of American soybeans and increase American beef exports by 180%. We are replacing NAFTA with the brand new U.S.-Mexico-Canada agreement. The USMCA will end unfair trade barriers for our farmers and expand export markets for agricultural products from coast to coast.

"Now it is time for Congress to finally approve this deal. We completely renegotiated the US-Korea trade agreement, which was a disaster before I got involved and secured new market access for American agriculture. My administration has also lifted Argentina's longtime bans on American pork and beef and we opened markets in Australia, South Africa, Tunisia, Thailand, and all around the world. At the same time, we're taking long overdue steps to end decades of chronic Chinese trading abuses. After China sought to punish our farmers and ranches, my administration responded with up to \$28 billion in relief. That's a record and it's the first time it's ever been done by a president. America will always stand strong with our farmers and we will not let other countries push us around anymore. We've taken it for a long time, but it's not happening anymore. In everything we do, we're defending your jobs, your industry, and you're a cherished way of life.

"Our historic tax cuts slash small business taxes and virtually eliminated the unfair estate tax known as the death tax. Now your family farm can stay in the family. Your sons, your daughters -they won't have to go out and borrow money from a bank in order to pay estate taxes. It's a big thing that a lot of people don't notice, but ultimately they're all noticing what I did. To stop Washington from micromanaging every drainage, ditch, puddle, and pond on your property, we eliminated the ridiculous Waters of the United States rule. When I did that, I figured I'd take a lot of heat because the title is good, but that's about the only thing that's good in it. It was very unfair. They were taking your property. They would closing your businesses. We ended it. I signed a historic farm bill increasing the amount that farmers can borrow to improve and expand their businesses.

"We lifted restrictions on ethanol to allow the sale of E15 all year round. Nobody else would have done it. Nobody else even came close. Only days ago, my administration announced that agreement on the renewable fuel standard. We will increase the volume of ethanol. We blend into our fuel above 15 billion gallons, ensuring certainty for American producers. It's another thing that nobody else would have ever done for our farmers. Working with Congress, we have secured billions of dollars in relief for rural communities suffering from natural disasters and recent catastrophic flooding. Whether it's Iowa or Nebraska or any place else, you've suffered and we're taking care of it. American farmers are the stewards of a priceless tradition that has shaped our nation from the very, very beginning. You pour your heart,



sweat, and soul into the soil of this country. You have always been loyal to America, and my administration will forever be loyal to you. I will not forget what you did for me in 2016, and you will not forget what I'm doing for you ever since. We will always stand by your side and we will bring about a future of even greater prosperity, security, and freedom. Thank you and may God bless you all."

VARIOS

CHINA importó en septiembre un 76% más de carne de cerdo

15/10/2019 Alcanzó las 166.000 t en septiembre, 3.000 t más que en agosto

Las importaciones de carne de cerdo de China en septiembre aumentaron un 76% respecto al año anterior, alcanzando las 166.000 t, 3.000 t más que en agosto, mientras que las importaciones de carne de vacuno se acercaron a un récord mensual asegura la Administración General de Aduanas de China.

En los 8 primeros meses del año China ha importado ya 1,33 millones de t, lo que ya supone un 43,6% más que en 2018.

La reducción del censo porcino ha hecho que el precio del animal vivo en el país hay crecido en un 84% interanual hasta los 6,14 dólares/kg y el IPC de los alimentos pasa por su precio más alto en el país desde enero de 2012.

Las importaciones de carne de vacuno, mientras tanto, mantienen su ritmo al alza y habrían alcanzado en septiembre las 149.666 t.

AUSTRALIA: COREA aplicará cláusula gatillo por superarse el volumen previsto en el acuerdo bilateral

17 October 2019 Key points:

Australia will trigger the 2019 beef safeguard to Korea in the coming days.

The imported beef tariff will increase from 24% to 30% until 31 December 2019.

Strong demand in Korea for Australian beef has led to the annual safeguard volume being fully utilised since KAFTA entered into force in 2014.

Korea's beef import safeguard – what is it?

The beef import safeguard is a mechanism that allows Korea to increase tariffs temporarily once imports exceed an agreed level under the Korea-Australia Free Trade Agreement (KAFTA). The safeguard volume for 2019 is 170,673 tonnes swt and increases by 2% each year. In the next few days Australia will trigger the safeguard, resulting in Korea raising the tariff for Australian products from 24% to 30% – effective until 31 December 2019.

During KAFTA negotiations Australia's safeguard volume was calculated using the average of 2007 to 2009 Australian beef import volumes (using Korean import data) plus an additional 10%.

What are the implications for Australia?

Competition in the market

The US is Australia's major competitor in the Korean imported beef market. The US tariff will remain at 18.7% due to a greater safeguard volume (312,000 tonnes swt) under the Korea-US Free Trade Agreement (KORUS).

The US' safeguard volume was based on US exports to Korea prior to the 2004 suspension of US imports into Korea after an outbreak of BSE. US beef exports to Korea were at record highs during this time.

Once Australia has triggered the safeguard volume, the tariff differential between Australia and the US will increase from 5.3% to 11.3%. While the differential will create challenges for Australian beef in an already highly competitive market, this is a marked improvement on 2018, when the tariff differential was 18.7%.

Demand for Australian beef

The higher tariff, as a result of triggering the safeguard, will impact the market but not in isolation.

In the short-term, the impact will be negligible, given the modest tariff increase in 2019. Although tight domestic cattle supplies may limit Australia's ability to serve the market in 2020, it is possible that Australia will trigger the safeguard again, as the remainder of Australian exports in 2019 will carry over and count towards the 2020 safeguard.

Fundamental consumer preference for Australian beef will remain unchanged. MLA conducts an annual consumer tracker survey in Korea, which shows:

'Country of origin' is extremely important for Korean customers, as the country relies on imports for around 64% of its beef consumption.

Australian beef is the most favoured among all imported beef and regarded as the most superior, amongst the safest to eat and a family favourite.

Other contributing factors to future demand include prices from both Australia and the US, exchange rates and the ongoing African Swine Fever outbreak Asia.



NUEVA ZELANDA: proyecta aumentos modestos en la producción y exportaciones

17 October 2019

Key points:

Beef and Lamb New Zealand have just released their outlook for the 2019-20 season

Forecasts are for minor growth in beef and sheepmeat production and exports next year

Increases driven by high slaughter numbers with carcass weights down across the board

Last month, Beef and Lamb New Zealand released their season outlook for beef and sheepmeat. This report outlines expectations regarding slaughter, carcass weights, production and exports. Given the closely aligned nature of New Zealand as a key competitor in red meat, understanding how their season is shaping up is an important consideration for Australia. Export and production expectations in New Zealand are for the most part positive, with some minor growth set to come from greater slaughter numbers rather than improvements in carcass weights.

New Zealand export forecasts for 2019-20:

Beef exports should see a minor increase of 2%, lifting total volume to 463,000 tonnes swt.

Lamb exports are predicted to hold flat at 305,000 tonnes swt.

Mutton exports are predicted to grow by 8.7% to reach 90,000 tonnes swt.

Beef exports in New Zealand look set to lift by 2% over the coming year. This growth will come from a slight lift in cattle available for slaughter off the back of a steadily increasing national herd size. Slaughter composition will consist of a greater proportion of finishing cattle with steers and heifers turn off expected to lift by 5%, bulls should have some minor growth while cows retract 1.2%. The number of breeding cows continues to rise, indicating herd growth and confidence in the industry.

New Zealand Beef

Year ending September	Slaughter (000 head)	Carcass weight (kg)	Production (000 tonnes, bone-in)	Beef exports (000 tonnes, swt)
2015-16	2,516	246	619	423
2016-17	2,363	253	598	396
2017-18	2,556	251	642	431
2018-19e	2,514	250	629	453
2019-20f	2,557	251	642	463
2019-20f % change	+1.7%	-0.3%	2.0%	2.0%

Source: Beef + Lamb NZ

EMPRESARIAS

Empresas afirman que pronto la carne artificial llegará a supermercados

15/10/19 - por Equipe BeefPoint

Criar carne a partir de células não é mais ficção científica: um astronauta acaba de fazer isso a bordo da Estação Espacial Internacional. E a chegada desses produtos aos supermercados parece ser apenas questão de tempo.

Os testes realizados no espaço em setembro permitiram criar tecidos de carne de vaca, coelho e peixe com uma impressora 3D.

Essa nova tecnologia poderia "tornar possível as viagens de longa duração e renovar a exploração espacial", por exemplo para Marte, explica à AFP Didier Toubia, o chefe da startup israelense Aleph Farms, que forneceu células para a experiência.

"Mas nosso objetivo é vender carne na Terra", diz. Segundo ele, esses testes permitiram demonstrar que é possível produzir carne longe de qualquer recurso natural quando for necessário.

"Nossa meta não é substituir a agricultura tradicional", afirma. "É ser uma alternativa melhor às explorações industriais".

Carne cultivada?

O primeiro hambúrguer "in vitro", criado a partir de células-tronco de vaca por um cientista holandês da universidade de Maastricht, Mark Post, foi apresentado em 2013.

Várias empresas adentraram nesse setor desde então, mas o custo de produção continua sendo muito alto e nenhum produto está à venda.

Sequer está claro o nome que esses produtos terão: carne "de laboratório"? "artificial"? "à base de células"? "cultivada"?

Apesar disso, já foram realizadas degustações e os agentes do setor acreditam que poderão comercializar esses produtos em pequena escala muito em breve.



“Provavelmente este ano”, disse no início do mês o chefe da companhia californiana JUST, Josh Tetrick, em uma conferência em San Francisco. “Não em 4.000 supermercados Walmart nem em todos os McDonald’s, mas em um punhado de restaurantes”.

Por enquanto, embora se multipliquem as inovações nos laboratórios, o setor tem dificuldade para dominar os processos e as máquinas necessárias para crescer em grande escala.

A chegada aos supermercados com preços acessíveis poderia acontecer em um prazo de cinco a 20 anos, segundo as estimativas.

Para vários observadores serão necessários muito mais investimentos. O setor atraiu 73 milhões de dólares em 2018, segundo o The Good Food Institute, um organismo que promove as alternativas à carne e ao peixe.

Outro obstáculo que esses produtos deverão superar é a regulamentação, que ainda é muito imprecisa em relação a esses novos alimentos.

Rotulagem

Para seus defensores, as carnes e peixes à base de células podem transformar de forma duradoura o sistema de produção, evitando ter que criar e matar animais.

Há dúvidas, no entanto, sobre seu verdadeiro impacto ambiental, especialmente em relação ao consumo de energia ou a sua segurança alimentar.

Mas “as oportunidades são enormes”, afirma Lou Cooperhouse, diretor da empresa BlueNalu.

“A demanda (de peixe) em nível mundial nunca foi tão grande”, explica à AFP. E “temos um problema de abastecimento” devido à sobrepesca, à mudança climática e à incerteza constante sobre o que cairá nas redes.

Sua empresa, criada em 2018, desenvolve uma plataforma tecnológica que pode servir para criar diversos produtos do mar, especialmente filés de peixe sem espinha nem pele.

A literatura científica sobre as células-tronco, o conhecimento biológico e a impressão de tecidos orgânicos já existiam, lembra o diretor tecnológico da BlueNalu, Chris Dammann. “Faltava juntar tudo e otimizá-lo”.

O crescimento das proteínas feitas a partir de células animais não parece preocupar muito a agricultura tradicional.

“Temos isso em conta” e “algumas pessoas, por motivos sociais, vão querer comer esse produto”, diz Scott Bennett, encarregado das relações com o Congresso no principal sindicato agrícola americano, Farm Bureau.

Mas o mercado é amplo e continuará se estendendo com o crescente consumo de proteínas animais nos países em desenvolvimento, aponta.

Minerva suspende actividades em dos plantas radicadas en URUGUAY

14/10/19 - por Equipe BeefPoint

Devido aos preços elevados do gado, a brasileira Minerva Foods, maior exportadora de carne bovina da América do Sul, paralisou temporariamente dois de seus três frigoríficos no Uruguai. Procurada, a Minerva não respondeu.

De acordo com o jornal uruguaio “El Observador”, a empresa comunicou ontem que cerca de 600 funcionários do abatedouro de Canelones terão os contratos suspensos a partir de novembro.

Com isso, já são duas unidades paralisadas. Neste mês, a Minerva também suspendeu os abates e os contratos de trabalho do abatedouro de Carrasco.

O Valor apurou que a Minerva decidiu abrir mais um turno de trabalho no abatedouro de Cerro Largo para tentar compensar a produção das duas outras unidades.

Os frigoríficos uruguaiois vem sofrendo nos últimos anos com uma oferta escassa de gado e se queixam do aumento das exportações de gado vivo do país.

Neste ano, a proximidade da entressafra precipitou a paralisação das duas unidades da Minerva.

No Uruguai, a Minerva é a segunda maior indústria de carne bovina. A também brasileira Marfrig é a principal empresa do país, mas não fechou plantas de olho na forte demanda da Ásia.

Santander recomienda invertir en Minerva

14/10/19 - por Equipe BeefPoint

O Santander reiterou a posição de compra para a Minerva Foods e estabeleceu o preço alvo para o fim de 2020 em R\$ 14/ação, o que implica valorização de 34,74% ante o fechamento da última sexta-feira. Em relatório assinado por Marcel Moraes e Luis Miranda, o banco destaca que o múltiplo EV/Ebitda (relação entre valor de mercado em relação à geração operacional de caixa) da companhia opera com desconto ante as concorrentes do setor e que a Minerva é quem tem maior exposição à China – e, portanto, pode se beneficiar mais com a alta demanda por importações do país em decorrência da peste suína africana.

“Esperamos que o crescente desequilíbrio entre oferta e demanda por proteína na China impulse maiores preços globais de proteína que devem levar a aumento nas margens e crescimento do Ebitda



ajustado de 5% e 17% em 2019 e 2020, respectivamente”, diz relatório. Com isso, o múltiplo EV/Ebitda da companhia ficaria próximo de 6 vezes – atualmente, está em 5,1 vezes.

A expectativa do Santander é de aumento de 4% nas vendas da companhia em 2019 e de alta de 13% nas receitas de 2020, principalmente por causa da peste suína africana na China. O aumento dos preços de proteína animal no gigante asiático e o melhor mix de vendas para o país contribuem para o otimismo no relatório, que destaca que a América do Sul foi responsável por abastecer 57% das importações de carne bovina chinesa este ano.

O banco também projeta desalavancagem da companhia, de 3,7 vezes em 2019 para 2,9 vezes no fim de 2020. O Santander projeta alta de 7% no volume de exportações em 2020 e queda de 1% nas vendas domésticas.

Um desafio seria o cenário adverso na Argentina, que poderia prejudicar a companhia caso o governo decida limitar exportações de carne bovina para frear a inflação. Outros potenciais riscos seriam reversão do ciclo de gado em países sul-americanos nos quais a Minerva opera e a retirada de tarifas chinesas da carne bovina norte-americana.

Tyson proibirá el uso de ractopamina en cerdos a partir de 2020

Giro do Boi 18/10/19 - por Equipe BeefPoint

A Tyson Foods anunciou que proibirá o uso do promotor de crescimento ractopamina na alimentação de suínos comprados pela sua subsidiária Tyson Fresh Meats a partir de 2020. O objetivo é atender a crescente demanda global por carne suína.

A gigante americana disse que, embora o serviço de administração de alimentos e medicamentos nos EUA (FDA) aprove o uso da ractopamina, importantes importadores como a China proíbem seu uso e a compra de carne cujo porco tenha sido alimentado com ela.

A Tyson compra suínos de cerca de 2 mil produtores independentes dos EUA. E eles terão até 4 de fevereiro de 2020 para se adaptarem.

Atualmente, a subsidiária Tyson Fresh Meats tem poucos fornecedores que não usam o ingrediente.

“Acreditamos que a iniciativa de proibir o uso de ractopamina permitirá à Tyson Fresh Meats e aos agricultores que nos fornecem competir com mais eficiência pelas oportunidades de exportação em ainda mais países”, afirmou Steve Stouffer, presidente da Tyson Fresh Meats, em nota.

No início do mês, a brasileira JBS também tomou a decisão de proibir o uso de ractopamina nos EUA. Maior indústria de carne suína dos Estados Unidos, a Smithfield Foods, controlada pelo grupo chinês WH, informou que cria todos os seus suínos em fazendas próprias sem o aditivo alimentar.

JBS accedió a um programa para reducir emisiones de gases efecto invernadero

Giro do Boi 18/10/19 - por Equipe BeefPoint

Maior companhia de carnes do mundo, a JBS tornou-se a primeira empresa autorizada a participar da nova política de redução de emissões de gases de efeito estufa do país. A diretoria da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) autorizou ontem a JBS a receber os certificados que a permitirão vender Créditos de Descarbonização (CBio) dentro do programa RenovaBio por sua produção de biodiesel – a principal matéria-prima é o sebo bovino.

A certificação foi autorizada para a usina de biodiesel localizada em Lins (SP). A segunda usina da companhia, em Campo Verde (MT), deverá ter seu processo de certificação concluído em breve.

De acordo com a certificação da JBS, conduzida pela firma Green Domus conforme as regras do programa e auditada pela ANP, o biodiesel de suas unidades “economiza” emissões de 79,8 gramas de gás carbônico equivalente por megajoule de energia gerado nos veículos em comparação à mesma energia gerada pelo uso do diesel.

A cada 370 litros de biodiesel produzidos em suas duas usinas, a JBS poderá emitir 1 CBio, que equivale a uma tonelada de gás carbônico evitada. Considerando que a produção de biodiesel da JBS em 2018, de 260 milhões de litros, se mantenha, a companhia poderá emitir 636 mil CBios quando as duas usinas estiverem certificadas.

Em todas as suas operações, a gigante de carnes emite 6,5 milhões de toneladas de gás carbônico equivalente, direta e indiretamente, conforme inventário de 2018 elaborado de acordo com a metodologia do Programa Brasileiro GHG Protocol. Ou seja, para compensar todas as suas emissões, a JBS teria que produzir 10 vezes o volume de biodiesel que produz hoje nas duas unidades.

A JBS está construindo sua terceira usina de biodiesel no país, em Mafra (SC), que deverá mais que dobrar a capacidade de produção de biodiesel da empresa e deve começar a operar em 2021, disse Alexandre Pereira, diretor da JBS Biodiesel, ao Valor. Diferentemente das outras unidades, a nova fábrica terá como matéria-prima principal gordura de aves e suínos.

Para participar do RenovaBio com as duas usinas existentes hoje, o próximo passo da JBS é buscar uma instituição financeira para escriturar os CBios. Esse passo, porém, ainda depende de uma



regulamentação do Conselho Nacional do Política Energética (CNPE). Assim que as regras estiverem definidas, a JBS espera emitir os CBios "o mais breve" possível, de acordo com Pereira.

O valor dos CBios ainda é uma incógnita. Embora já circulem especulações sobre o valor dos certificados, Pereira evitou traçar projeções. "Tudo depende de oferta e demanda. No início terá demanda pelos primeiros CBios que vamos emitir, e tem necessidade de compra por parte das distribuidoras, que tem obrigações [metas de redução de emissões estabelecidas pelo RenovaBio]. Mas vai estar aberto, não dá para estimar um número", argumentou.

O executivo ressaltou, ainda, que a JBS produz biodiesel com o com o objetivo de "dar destinação ção adequada aos subprodutos residuais e agregar valor". "Não estamos fazendo nada diferente por conta do RenovaBio", afirmou ele.

Cargill: planta que sufrió la explosión reanudará actividades la próxima semana

October 18, 2019 09:59 AM

Following an explosion at Cargill's Dodge City, Kan., facility on Wednesday that temporarily shuttered operations, the company said it expects to "be back up and running by early next week." In the interim, cattle are being sent to other Cargill facilities.

Spokesman Daniel Sullivan told Drovers and AgDay TV in an email Cargill is busy repairing the damage, while many operations continue.

"Many of the plant's employees are at work and the further processing side of our facility is running at full capacity," Sullivan said. "Employees who had shifts suspended will be paid for those hours. We expect the cattle receiving side of our facility to be back up and running by early next week. In the meantime, we are working with our other facilities to receive cattle and will meet all of our customer commitments."

The explosion was at a building that processes blood into blood meal, a feed additive, and not at the main facility. Two workers were injured in the blast.

"We appreciate the support from our employees, cattle producers and the local community and look forward to being back to business as usual as soon as possible," Sullivan said in the email.